

SECRETARIA DA CASA CIVIL



COMISSÃO ESTADUAL DA
MEMÓRIA
E VERDADE
DOM HELDER CÂMARA

**TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO RESERVADO REALIZADO EM
13/03/2014 ***

LOCAL : SALA DE REUNIÃO DO MARANTE PLAZA HOTEL - RECIFE

DEPOENTE: ALUÍZIO FERREIRA PALMAR

*OBS : depoimento tomado pela assessora da CEMVDHC Lillia Gondim, por solicitação do Comissário Manoel Moraes.



SECRETARIA DA CASA CIVIL

CEMVDHC – Gravação para a Comissão Estadual de Memória e Verdade D. Helder Câmara, do depoimento em caráter reservado do ex militante da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, Aluízio Ferreira Palmar (autor do livro « Onde foi que vocês enterraram nossos mortos ? »). Aluízio, boa tarde, você se incomoda que eu grave o seu depoimento ?

ALUÍZIO PALMAR – De forma alguma, pode gravar. Autorizado. Eu queria me identificar primeiro. Meu nome é Aluízio Ferreira Palmar, RG 672320 -9/ SSP/ PR e CPF 426.235.459-87. Tenho 70 anos, sou natural do estado do Rio, e moro atualmente em Foz do Iguaçu. Minha militância começou no Partido Comunista Brasileiro, mais tarde dissidência do estado do Rio de Janeiro, depois MR 8 lá de niterói e no exílio eu passei a militar na Vanguarda Popular revolucionária, VPR.

CEMVDHC – Aluízio, você poderia relatar pra gente um pouco a sua pesquisa em relação àquela infiltração que você investigou, na VPR, que trouxe onofre Pinto pro brasil quando ele terminou desaparecendo ?

ALUIZIO PALMAR- Sim, acho importante falar disso, por que a importância da participação de Onofre no desaparecimento de alguns militantes aqui em Pernambuco, de forma bem resumida, quando caíram...quando caiu Recife, Olinda ?

CEMVDHC – Foi em janeiro de 73.

ALUÍZIO PALMAR – Janeiro de 73, exatamente. Em 1972, no inverno de 72, maio/junho, eu saí do Chile e voltei pra cá pro Brasil, exatamente pra região de fronteira com o Rio Grande do Sul/argentina, região conhecida como Alto Uruguai. Quando eu saí do Chile, a VPR estava em luta interna. Eu vivi muito pouco dessa luta interna, mas o suficiente que eu vivi, me deu assim essa... me mostrou que eu tinha que ter muito cuidado devido à fragilidade que havia dentro da organização. Me mostrou que Onofre Pinto, ele tinha uma prática política e de militância, não vou dizer irresponsável, mas liberal. Eu estava me preparando para sair do Chile, e na minha saída eu fui com o companheiro na casa da Nani Barrett, irmã da Soledad e, tenho certeza, Jorge colocou em dúvida mas eu tenho certeza de que eu estava na casa da Nani e Onofre ligou pro Recife. Eu achei estranho, numa clandestinidade danada daquela, a gente seguindo regras rigorosas, tendo muito cuidado por que era uma questão de

SECRETARIA DA CASA CIVIL

vida ou de morte, e o comandante da VPR liga pra base da VPR em Pernambuco, no telefone da casa da Nani Barrett. Aquilo me assustou muito. A partir daí, montei meu esquema de retorno por fora da organização. Eu montei um esquema particular com o Movimento da esquerda revolucionária no Chile (MIR), com o pessoal de lá, da TV nacional. Eles me prepararam pra voltar, documentos, maquiagem, cara nova, tudo foram eles. Eu fiquei... « *não quero que ninguém saiba, a VPR não pode saber* ». Eu criei uma organização dentro da organização e toda a estrutura que montei na fronteira não tiveram acesso Onofre, nem Maria, nem Angelo. Ninguém teve acesso, por que lá no Chile era uma guerra. Por que é nessa oportunidade, ainda no inverno de 72, por aí, que as notícias que chegavam no Chile eram de que havia uma infiltração dentro da VPR. A notícia partiu, como é o nome dela agora ? A companheira de Belo Horizonte...

CEMVDHC – Ettiene ?

ALUIZIO PALMAR – Isso, Ettiene Romeu. Mas Ettiene estava ligada a um dos grupos. Haviam tres grupos na luta interna, o grupo de Onofre, o grupo da Maria do Carmo que era o mesmo do Angelo Pezzuti e o grupo que estava em treinamento, sem falar nos trabalhos de fronteira, da base de retorno, que era de um lado eu e de outro lado Roberto Fanttini, que também podiam se chamar « *tendências* », apesar de não estar na luta interna está na prática. Eu vi que a situação ali era complicada e caí fora. Caí fora dali. Apesar de que várias vezes Onofre tentou descobrir onde nós estávamos, mais de uma vez, por vários meios, ele tentou descobrir. Não sei por que ele queria descobrir, queria saber. Talvez por que era o comandante queria saber. Eu não sei...por curiosidade ? Ele era muito amigo do cabo Anselmo ; um dia eu estava, nesse 72, antes da gente saber que chegara a notícia da Inês Ettiene e do Arruda, eu estava num aparelho da VPR, quando alguém diz – « *Chegou uma pessoa aí que quer falar com Zé Duarte* ». Aí Ubiratan, estava no aparelho e saiu atrás do Zé Duarte e pôs a pessoa em contato com o Zé Duarte. Mas como em sociedade tudo se sabe, alguém chegou e disse – « *a pessoa que está aí é o cabo Anselmo* » ou seja, o segredo não era tão segredo, alguém contou. Conta que não é pra falar pra ninguém, mas aquele negócio « *não fala pra ninguém* », todo o aparelho ficou sabendo que o cabo Anselmo foi pra esse encontro com o Zé Duarte e que teve também contato com a Maria do Carmo Brito. Então eu vim... vou focar mais no negócio : aí eu vim, vim pra cá e dissolvemos a VPR em 1973. Eu voltei pra Chile pra dissolução da organização, não tinha mais como continuar a sobrevivência e mudamos as orientações. Não fiquei mais. Saí daquela estrutura que eu tinha e fui pra outro lugar pra sair do cêrco, do possível cêrco, por que o lugar aonde eu estava outras pessoas conheciam. E

SECRETARIA DA CASA CIVIL

meus contatos com o interior do Brasil eram basicamente Paraná e Rio Grande do Sul. Esse era o interior. Embarcava em Buenos Aires pra ninguém entrar na minha área nova, já que fui morar num outro « santuário » e eu não queria que ninguém de fora conhecesse onde eu estava. Meus pais não sabiam, a família não sabia, menos os companheiros que tinham que saber aonde eu estava. Eu marquei esse encontro em Buenos Aires, mas o encontro era a noite e eu tinha que fazer hora. A tarde eu andava por uma rua lá de Buenos Aires que é a Corrientes, e vejo Onofre conversando com uma pessoa que é o sargento Alberi Vieira dos Santos. Eu não desconfiava do Onofre nem desconfiava do Alberi, mas também não ia por minha mão no fogo nem por um nem por outro e na clandestinidade eu não quero contaminação, não é ? Eu vim aqui pra fazer um contato. E entrei num barzinho e fiquei por ali, de « butuca ». Eu olhei pra o lado onde havia visto os dois e não vi mais. Pensei « já foram embora ». Daí há pouco chega uma pessoa, toca no meu ombro, era o Alberi. Foi o Alberi me procurar e me propõe uma coisa esquisita, dizendo que ele sabia que eu tinha um trabalho na região de fronteira, no sul do Alto Uruguai, e queria juntar o meu trabalho ao trabalho dele. Aí eu pergunte : « *Mas Alberi, o que você tem ?* » Aí ele me falou de uma estrutura muito grande no Brasil, no Rio Grande do Sul e Paraná, muitas bases camponesas, muita gente, gente pra todo lado, tudo, apoio e mais uma estrutura de entrada no Brasil. Uma serraria na fronteira, mais um sítio, e já estavam no esquema dele o Onofre, já estava no esquema dele uma turma dos velhos da VPR, e foi me dando os nomes : Carvalho, não sei quem, não sei quem. « *Tudo bem* », falei , « *vamos nos encontrar mais tarde que eu vou levar mais gente nessa conversa, mais outros pra gente conversar, e vamos fazer uma fusão* » . Bati assim no balcão do café e « *Vamos conversar !* » Conversar uma ova ! Caí fora, corri e estou correndo até hoje. Me mandei. Me mandei, não fui nem no ponto com o companheiro. Só disse, « *avise ao companheiro que vai chegar de Londrina que eu tive, por motivo maior, que ir embora daqui* ». Me mandei e nunca mais soube do que aconteceu.

CEMVDHC – Isso foi quando ?

ALUIZIO PALMAR – Isso foi depois do golpe. Em dezembro de 1973. Já tinha acontecido tudo. Onofre já estava em Buenos Aires, ele chegou antes do golpe. Tinha um pessoal na Embaixada da Argentina e estavam todos ali em Buenos Aires. E ele estava ali, de braçada, recrutando negro pra entrar na boca do leão. E quis me envolver nisso aí também. Ele tinha informação do que eu estava fazendo, alguém deve ter dito, deve ter sido o negão Onofre e eu aí só volto a mexer com esse assunto depois da Anistia. Depois da Anistia eu saio da clandestinidade, volto à vida legal, e volto pra região, que minha mulher é de lá.

SECRETARIA DA CASA CIVIL

Tenho que ir pra lá, por que eu sou do estado do Rio e queria ficar no Rio, mas a minha mulher falou – « *você tem que escolher entre eu e a revolução.* » me pôs contra a parede e eu tive que abandonar o Rio e ir pra lá. Fui pra lá fazer jornal de oposição (*inaudível*)... confusão de novo, aí fiquei organizando as coisas, a gente é militante onde vai, cada um faz a revolução onde estiver. Aí a nossa luta era por eleições na área de fronteira, eleições pra governador, isso aí, pra presidente, (*inaudível*) as bandeiras democráticas sempre aí. Mas eu tive uma coisa que martelava, nós sabemos quem voltou e sabemos quem estava no exterior, quem não estava no exterior e não voltou é desaparecido. E aquele grupo que Alberi falou pra mim, onde é que eles estão? Desapareceram. Aí comecei a investigação. Aí foi tempo, tempo, tempo, investigando, pistas falsas, andava, fazia escavação, não era. Vinha informação, contra informação, não era. Eu ia, as vezes abandonava, as vezes voltava, e assim se passaram muitos anos, uns 20 anos, 25 anos, nessa coisa toda aí. Até que um dia a gente conseguiu que o Ministério da Justiça, o ministro da Justiça acho que era o Márcio Tomaz Bastos, e ele conseguiu que a Comissão sobre os mortos e desaparecidos, a Comissão dos Familiares, tivesse acesso aos arquivos da Polícia Federal. Aí eu, com uma credencialzinha na mão, o delegado da PF já tinha recebido a lista das pessoas autorizadas, aí eu mergulhei no arquivo e encontrei muitos nomes e pistas. Depois encontrei pistas noutros lugares. Tribunal, Forum de Comarca, fui juntando as peças. E agora? o que é que eu faço? Aí caí no mundo e fui pra uma região onde era o sítio do Alberi, quer dizer, onde eu achava que era o sítio do Alberi, o local por onde eles passaram. Fiquei por lá, acampeei por lá morando. Aluguei um quarto e fiquei lá. Ali eu ficava pesquisando, até que um dia eu cheguei num lugar e a pessoa me falou dum lugar, outra pessoa me falou de outro, até que eu cheguei na dona do sítio, uma viúva. E a viúva começa a me contar coisas e a me falar coisas, ou seja, confirmando que esse grupo passou pelo sítio dela. Confirmando que Alberi levou essas pessoas não sei pra onde e me falou do Otávio. Otávio era o nome que eu havia descoberto antes. Nos arquivos da PF ele aparece como companheiro de Alberi nas andanças. Aparece também em outros informes da Polícia Civil como uma pessoa que andava com Alberi em boates e não sei o quê, mas também em confusões, ladroagem, jaguncismo, e tal. Esse é o mesmo Otávio que a mulher me falou. Então eu identifico Otávio como parceiro do Alberi e mais ainda: o filho da mulher depois confirma que Otávio era o motorista. Aí eu fui amarrando, que Otávio foi, era, um agente do serviço de Informação do Exército (CIE) implantado. Foi plantado, não foi infiltração. Foi plantado como uma possível pessoa da VPR que iria receber os exilados na fronteira. Os exilados chegam e são recebidos pelo Otávio, que era apresentado como um

SECRETARIA DA CASA CIVIL

membro da VPR e junto com o Alberi Vieira dos Santos, conduz o grupo de seis pessoas : **Onofre Pinto, Daniel e Joel José de Carvalho, Victor Carlos Ramos, Ernesto Ruggia e José Lavéchia**, os seis. Leva os seis até o sítio, daí pra frente não dava... eu só especulava. Muitas especulações mas nada seguro. Aí eu volto pra Foz e vou na casa de um amigo meu empresário lá. Um multi bilionário, sabe ? Ele foi também da esquerda armada, esteve preso comigo e tal. Eu comento com ele : « *Puxa, rapaz, tô agora com o nome do motorista que levou o grupo com os companheiros pra armadilha, pra cilada.* » Ele me pediu o nome dele e eu dei : « *Otávio Ranulfo da Silva. Eu descobri o nome dele inteiro. Descobri que ele mora aqui através de uma multa de trânsito, mas não sei onde ele mora* ». Aí o empresário falou : « *Ó, fica tranquilo, ele é dos meus.* » - « *Como, é dos seus ?* » - « *Ele come na minha mão.* » o empresário falou. Perguntei o que é « comer na mão ». É que ele faz serviço para o empresário. « *Serviço ? Mas que tipo de serviço ?* » - « *Você imagina qual é.* » Aí eu falei : « *César, nós vamos fazer o seguinte, você pergunta pro cara se ele fala comigo* ». Aí no dia seguinte eu voltei na casa do César : « *Não, ele não fala. Com você ele não fala. Nem quer te ver.* » - « *Se ele não falar comigo, você fala com ele César ?* » Aí o César chamou o Otávio na casa dele, ele mora num condomínio de luxo, Otávio foi lá. Ele chamou também um policial federal que é do mesmo grupo nosso, um cara assim de esquerda, que é o Adão Almeida, e os dois tomando whisky com Otávio Ranulfo. Aí o Otávio contou o que aconteceu : depois que pegou na fronteira levou até o sítio, ele era o condutor. O coordenador do negócio era o Alberi, mas ele não fala na escala de comando, nunca fala. Fala do Alberi e que do sítio atravessou o rio Iguaçú, entrou dentro do Parque, passou por uma antiga estrada que hoje está fechada, que a Justiça fechou, era aberta. Levou até um determinado lugar e nesse lugar entrou no mato. E no mato eles desceram da rural, caminharam uns 20 metros mais ou menos, meia quadra, mas no mato parece muito à noite, e quando eles entraram num lugar mais aberto acenderam os holofotes movidos à bateria e ali eles foram assassinados a sangue frio, executados. O Ernesto Ruggia ainda demorou pra morrer e deram um tiro de misericórdia. Ranulfo e Alberi , na hora do tiroteio, ficaram atrás de um tronco, por que foi essa a orientação que receberam pra não serem atingidos. Depois que os meninos cairam ali, ele ficou um tempo ainda, os executores vieram festejar, tomar bebida alcoólica, festejar o sucesso da operação.

CEMVDHC – Na frente dos cadáveres ?

ALUÍZIO PALMAR - Na frente dos cadáveres. Aí o Otávio Ranulfo conta que depois o Alberi chamou ele pra buscar o negão. Aí eles foram lá pro sítio

SECRETARIA DA CASA CIVIL

buscar o Onofre e quando chegam ali de volta os corpos não estavam mais. Isso é o que ele conta. E que o sargento Laecato, Francisco Aniceto Antonio Carvalho, trabalhava com Paulo Malhões. Segurou Onofre e prendeu. Onofre tentou resistir mas o Laecato era mais forte e o Alberi começou a tentar convencer o Onofre a mudar de lado dentro do Jeep : « *Já acabou tudo, tá todo mundo morto, muda de lado, faz como eu...* » e foi assim até chegar em Foz de Iguaçu. Em Foz ele foi levado pra um local onde era um Hotel de Trânsito de oficiais. Aí há duas versões do Otávio. A primeira versão é de que o Onofre morreu com um tiro e depois foi jogado no Rio, com um ferro na barriga. A segunda é que o Onofre morreu com uma injeção de matar cavalo, abriram a barriga e jogaram no rio. Isso é o que se sabe até agora. Uma operação muito semelhante a que houve aqui em Recife : um infiltrado, uma armadilha, um chamariz. A essa coisa toda não deram divulgação. Não saiu na imprensa, não houve estardalhaço. Isso foi em 1974. O que se presume é que José Teixeira Brandt, ele mais Paulo Malhões e não sei mais quem, armaram essa aí pra criar uma situação interna, dizer ; « *Olha, os terroristas estão voltando, os bandidos estão voltando* ». Aí Geisel mantém o aparelho de repressão, não desarticula a repressão, mantém a comunidade de informações, os órgãos, e tal. E Onofre foi poupado. Nós consideramos isso hoje, por que eles achavam que Onofre tinha o dinheiro do cofre do Adhemar, e pouparam ele pra entregar o dinheiro. Mas ele não tinha nada pra entregar, e depois de dois dias de tortura, de tentativas de convencimento, veio a falecer. Mataram, resumindo.

CEMVDHC – Me diz uma coisa, nosso tempo, temos ainda uns minutos, o Alberi, depois se ficou sabendo que era uma pessoa infiltrada. Mas na época, quando você, por exemplo, encontrou-o conversando com o Onofre, ele era um militante da VPR ?

ALUÍZIO PALMAR – Olha, eu conheci o Alberi no presídio do Ahú, em Curitiba. Ele era um mito, um mito da guerrilha de Tres Passos. Quando eu encontrei o Alberi nesse local lá em Buenos Aires, eu não tinha desconfiança. Eu ainda considerava ele uma pessoa carismática, vinda da Guerrilha de Tres Passos. Era irresponsável, mas até que a gente confiava nele. Eu não sei quando ele entrou na VPR. Um dia ele apareceu na casa de um companheiro nosso da VPR do rio Grande do Sul que estava em liberdade condicional e falou que estava indo pro Chile e chamou o companheiro pra ir junto. Aí o companheiro acompanhou Alberi até o Chile, apresentou Alberi aos companheiros da VPR e foi aí que ele entrou.

CEMVDHC – Chegou a entrar mesmo ?

SECRETARIA DA CASA CIVIL

ALUÍZIO PALMAR – Entrou. No Chile.

CEMVDHC – Mais uma coisa : por que a justiça federal fechou a estradinha ?

ALUÍZIO PALMAR – Questão ambiental, crime ambiental. Foi uma denúncia de uns ecologistas, aí fecharam, segundo o que se sabe. Se há outro motivo eu não sei. Foi a Justiça Federal que fechou, por solicitação do IBAMA.

CEMVDHC – Você chegou a ter algum contato com Anselmo lá no Chile ?

ALUÍZIO PALMAR – Não.

CEMVDHC – E fora do país, não ?

ALUÍZIO PALMAR – Um dia chegou alguém do Chile, que foi o Zé Carlos Mendes, que era da nossa base, com a informação de que alguém do Chile ia se encontrar com a gente numa cidade da Argentina, mas ninguém foi. Esse alguém do chile, sei lá quem era ou poderia ser o Anselmo buscando a gente , não é ? Buscando carne pra máquina de moer carne dele. Pode ser. Mas o que chama a atenção é que eu estive recentemente entrevistando um dos tios do Alberi, sobrevivente, tem 95 anos, a gente pediu pra ele contar as coisas do Alberi, e ele falava assim : « *O Alberi fez muita maldade e eu não quero falar* ». Mas ele fala que depois da chacina o Alberi foi morar numa chácara do exército, por que o Exército sempre tem um lugar de treinamento e o Alberi era caseiro dessa casa. De Brasília, todo mes, o dr. Teixeira levava dinheiro para o Alberi. Ele fala que o dr. Teixeira, « *...depois a gente descobriu que era cel. Teixeira, José Brandt, cel. Teixeira.* »

CEMVDHC – José Teixeira Brandt ?

ALUIZIO PALMAR – Então ! Provavelmente a mesma pessoa envolvida com alguma coisa em Pernambuco. Talvez os coordenadores da operação daqui, que era o pessoal da operação nacional e do exterior, que era Paulo Malhães, o cel. José Brandt, o que fizeram aqui, fizeram lá. Aqui foi um laboratório e foram fazer a mesma coisa lá. São os mesmos seis militantes, um infiltrado, a mesma organização, e em cima da história aqui da VPR em Pernambuco, eles devem ter passado a experiência para a comunidade de informações. O que eles fizeram aqui em Pernambuco, fizeram lá. Só que aqui eliminaram todos e lá tem um sobrevivente que é o Onofre pinto, que ficou na casa com eles até que chegou a ordem de cima pra eliminar. Eu não tenho dúvidas que alguns oficiais do Exército estiveram envolvidos com a chacina da VPR em Pernambuco.

SECRETARIA DA CASA CIVIL

CEMVDHC – Nosso tempo (cessão da sala) ... Infelizmente...

ALUÍZIO PALMAR- Se quiser continuar, tiver alguma dúvida, nós vamos lá pra frente. Nós combinamos com a mocinha...

CEMVDHC – Nós combinamos com ela até as 18 horas. Conferi pelo meu relógio e no meu já está na hora, infelizmente . Então eu queria agradecer a você pelo depoimento que deu, e registrar que hoje é dia 13/ 03/2014 e estamos numa sala do Marante Plaza Hotel em Boa Viagem, Recife, aproveitando a ocasião da vinda de Aluizio Ferreira Palmar para participar do Seminário sobre os 50 anos do golpe de 64, promovido pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça com apoios locais. Obrigada.-----



COMISSÃO ESTADUAL DA
MEMÓRIA
E VERDADE
DOM HELDER CÂMARA